

AUTOR DE A GUERRA SUJA DE CHURCHILL • BESTSELLER DO SUNDAY TIMES

GILES MILTON



XEQUE-MATE

EM

BERLIM

O Confronto da Guerra Fria Que Moldou o Mundo Moderno

v o g a i s

ÍNDICE

<i>Mapas</i>	10
<i>Personagens Principais</i>	17

Prólogo	23
-------------------	----

PARTE I: Aliados Desconfortáveis

1. O Caminho para Berlim	41
2. A Bandeira no Reichstag	59
3. Berlim Vermelha	80
4. Saque	94

PARTE II: Águas Turbulentas

5. A Chegada dos Aliados	111
6. Viver no Limite	134
7. A Divisão dos Despojos	153
8. Que a Batalha Comece	172
9. A Entrada dos Grandes Senhores	189

PARTE III: Colapso

10. A Cortina de Ferro	211
11. O Ministério das Mentiras	221
12. Crime e Castigo	236
13. Jogo Sujo	256
14. Areias Movediças	274
15. Ponto de Rutura	289

PARTE IV: O Cerco

16. O Cerco Perfeito	309
17. Altos Voos.	324
18. O Céu É o Limite.	341
19. Xeque-Mate	360
20. Os Frutos da Vitória.	376
Epílogo.	385
<i>Agradecimentos</i>	391
<i>Notas e Fontes</i>	395
<i>Bibliografia</i>	427
<i>Índice de Nomes</i>	441

PRÓLOGO

Crimeia, fevereiro de 1945

O crepúsculo chegava cedo nas montanhas da Crimeia, com o anoitecer a ter lugar às 4h30 e a escuridão a instalar-se pouco depois. Uma solitária estrada atravessava este terreno sombrio, uma estrada cujas curvas apertadas a grande altitude davam azo a uma condução proibitiva no mais profundo e glacial dos invernos. Numa tal estação, e a uma tal hora, a «Estrada Romanov» estava normalmente deserta.

Mas este não era um dia normal. Na tarde de sábado, 3 de fevereiro de 1945, o crepúsculo alpino foi atravessado pelo clarão encandeador de faróis de carboneto. Duas limusinas *Packard* trilhavam a custo os flancos íngremes do maciço Roman-Kosh, à cabeça de uma serpenteante coluna de jipes e camiões que se estendia para trás por quase 20 quilómetros. No interior dos dois veículos da frente estavam Franklin D. Roosevelt e Winston Churchill — presidente americano e primeiro-ministro britânico — a caminho da estância de Ialta, na Crimeia. Aí, iriam encontrar-se com o seu aliado em tempo de guerra, José Estaline.

Os Três Grandes líderes detinham o destino do mundo nas mãos nesse último inverno da guerra, senhores de uma linha da Frente em rápido avanço que se estendia da costa da Bretanha às margens do mar Negro. Agora, em Ialta, esperavam discutir uma nova ordem global. Sob um céu arroxeador de fevereiro, iriam ser os criadores de um mundo inteiramente novo, moldando-o à sua imagem coletiva. A Alemanha nazi iria ser desmembrada, a par da

sua capital imperial estilhaçada, e as fronteiras da Europa seriam redesenhadas. Nunca na História tinham despojos de guerra sido alvo de tanto escrutínio, nem estado associados com tamanho drama inquietante.

Os combates estavam longe de terminados nesses primeiros meses de 1945 e a Wehrmacht estava a colocar forte resistência tanto na Frente oriental como na ocidental. No entanto, os Aliados avançavam inexoravelmente em direção à Mãe-Pátria, um movimento gigante de pinça cujos exércitos de milhões se aproximavam da capital alemã. Com a vitória final praticamente garantida, chegara a altura de planear a paz.

Estaline escolhera Ialta para esta última conferência, tendo rejeitado todos os outros locais propostos devido ao seu medo de andar de avião. Em tempos mais felizes, a estância da Crimeia poderia ter sido o cenário ideal para uma semana de diplomacia virtuosa. As montanhas esculpidas pela neve que lhe serviam de pano de fundo pareciam majestosas, iluminadas pelos raios de um sol de inverno, e o clima era de tal modo temperado que palmeiras floresciam ao longo do litoral do mar Negro. Mas Ialta fora devastada pela guerra e era agora uma ruína degradada, eviscerada pela Wehrmacht em retirada e despojada do seu encanto *fin-de-siècle*. Quando a chuva chegava vinda do mar Negro, parecia deprimente, incessantemente desoladora.

Roosevelt e Churchill haviam chegado à Crimeia de avião, escoltados por uma falange de caças *Spitfire* e P38. Churchill foi o primeiro a aterrar. Usando o seu sobretudo militar e chapéu de oficial, o líder da Grã-Bretanha em tempo de guerra mordida um charuto de 12 centímetros e sorria maliciosamente para a guarda de honra de luvas brancas.

Foi preciso algum tempo para o presidente emergir do seu avião. Paralisado pela poliomielite quando já passara os 30 anos, estava confinado a uma cadeira de rodas que tinha de ser descida da fuselagem num elevador de gaiola construído propositadamente.

Entre os muitos espectadores presentes nessa tarde gelada no aeródromo estava o capitão Hugh Lunghi, um jovem intérprete da

Missão Militar Britânica em Moscovo. Ficou chocado com a condição física do presidente, que parecia uma «figura descarnada, muito magra, com a sua capa negra sobre os ombros». O seu rosto era «de um tom amarelado quase de cera e muito chupado, muito magro, e muitas vezes ele parecia estar apenas sentado, ali sentado com a boca aberta»¹. Havia uma razão para o presidente parecer tão doente: tinha-lhe sido recentemente diagnosticada uma insuficiência cardíaca congestiva aguda, uma situação para a qual não havia cura. Ialta seria o seu epitáfio, e ele sabia-o.

A diplomacia em grande escala exige uma comitiva em grande escala, e Ialta ofuscaria todas as cimeiras anteriores em tempo de guerra, tanto em escala como em extravagância. Apenas minutos depois dos dois líderes, aterraria em Saki uma armada aérea de vinte e cinco aviões de transporte — nome de código Missão n.º 17 — com setecentos e cinquenta participantes acreditados. Entre eles estavam os confidentes mais próximos de Churchill, incluindo o seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Anthony Eden, e o seu chefe do Estado-Maior, o general Sir Hastings «Pug» Ismay. A delegação de Roosevelt era de igual calibre, liderada pelo seu secretário de Estado, Edward Stettinius, e o seu conselheiro especial, Harry Hopkins. Centenas de outros vinham na sua esteira: marechais de campo, generais, ministros, soldados, adjuntos, conselheiros, tradutores, estenógrafos, secretários, sinaleiros, cozinheiros e mordomos. Roosevelt trouxe dezoito guarda-costas bem como a sua escolta presidencial, alcunhada pelo pessoal administrativo britânico de «O Grupo dos Doidos». A comitiva mais próxima de Churchill era mais modesta, consistindo no seu médico, lorde Charles Moran, no seu criado pessoal, Frank Sawyers, e na sua adorada filha, Sarah.

Os abastecedores militares britânicos, alarmados pelas informações das condições primitivas em Ialta, decidiram transportar tudo o que fosse necessário para a conferência de oito dias: serviços de jantar, toalhas de mesa, guardanapos de papel, copos de vinho, copos de água, pimenteiros e treze açucareiros. Cientes da necessidade de lubrificar frequentemente as rodas da diplomacia, também transportaram um oceano de álcool, incluindo mil garrafas de *whisky*

e *gin*. Churchill recomendava o *whisky* como pomada para tudo: «É bom para o tifo», dizia, «e mortal para os piolhos.»²

Tudo tinha de ser transportado por estrada do aeródromo de Saki até Ialta, uma viagem de seis horas de carro por terreno montanhoso. À cabeça deste cortejo iam os dois líderes, viajando nas suas limusinas separadas; seguiam-se-lhes o comboio de camiões e jipes. A segurança era vital. Estaline dera ordens para a estrada ser ladeada pelas tropas de duas divisões soviéticas, armadas de espingardas *Springfield* americanas ao abrigo da Lei de Empréstimo-Arendamento. Cada soldado estava à vista do seguinte ao longo de toda a rota de 130 quilómetros.

Era uma visão extraordinária, ou pelo menos parecia sê-lo para o intérprete de Roosevelt, Charles Bohlen. «Enquanto o carro presidencial passava», reparou, «os soldados, muitos deles raparigas, faziam a continência russa — um movimento abrupto do braço que deixava a espingarda a um ângulo de 30 graus do corpo. Repetida milhares de vezes, a continência era muito impressionante.»³ Churchill mostrou-se menos encantado com a viagem, porque a estrada não era alcatroada e alguns buracos eram tão fundos que faziam trepidar a espinha. «Cristo», disse à filha depois de uma hora de estrada, «mais cinco horas disto.»⁴

A delegação britânica ficaria alojada na *villa* Vorontsov, antiga residência do príncipe Mikhail Vorontsov, a cerca de 8 quilómetros de Ialta. Era uma bizzaria arquitetural, parte castelo de barão escocês parte palácio de fantasia mouro, que agradou a Churchill. Ele ficou, aliás, tão impressionado pelos leões imperiais esculpidos que guardavam o pórtico de entrada que tentou (sem sucesso) comprá-los. Sir Alexander Cadogan, subsecretário de Estado permanente, estava menos impressionado. «Uma casa enorme de fealdade indescritível», disse, com mobiliário de «uma hediondez quase aterrorizante.»⁵

A *villa* fora uma ruína até apenas poucos dias antes, esvaziada do seu mobiliário, dos candeeiros e dos puxadores das portas pela Wehrmacht de partida. Mais de mil operários soviéticos foram requisitados para reparar o local, e mil e quinhentos vagões de

mobiliário haviam sido trazidos dos mais grandiosos hotéis de Moscovo — o Metrópole, o Splendide e o National. Enquanto Churchill e os seus conselheiros mais próximos estavam confortavelmente instalados, as condições mantinham-se primitivas para todos os outros, com os colchões de tal modo infestados de percevejos que tiveram de ser fumigados com DDT. O saneamento era mínimo. «Se estivesse de plantão nos corredores dos quartos por volta das 7h30 da manhã», escreveu Sarah Churchill numa carta à mãe, «veria três marechais de campo na fila para um balde.»⁶

A delegação americana estava alojada mais perto do centro de Ialta, no Palácio Livadia, uma mansão de estilo italiano construída pelo czar Nicolau II a expensas ruinosas apenas seis anos antes da sua abdicação. Em tempos mais felizes, a filha mais velha do czar, a grã-duquesa Olga, dançara quadrilhas no Salão de Baile Branco por ocasião do seu décimo sexto aniversário, o seu colar resplandecente com 32 diamantes e pérolas.

Agora, o palácio recebia um encontro de tipo muito diferente. O presidente Roosevelt ficou com a *suite* privada do czar, um quarto de dormir forrado a painéis de cetim amarelo, com uma enorme cama de madeira ornamentada com monstros míticos; a sala de bilhares anexa era a sua sala de refeições privada e a câmara de audiências imperial, o seu escritório. Mostrou-se encantado, declarando ter «todos os confortos de casa»⁷.

Enquanto Roosevelt e Churchill se instalavam nos seus alojamentos, Estaline ocupava-se com os preparativos para o primeiro dia da conferência no seu quartel-general na *villa* Koreiz. Esta fora em tempos a casa de verão do príncipe Felix Yusupov, que orquestrara o assassinio de Rasputine, e vinha equipada com um recém-construído abrigo antibomba cujo telhado fora reforçado com três metros de betão e areia. Estaline tinha um medo terrível de ser assassinado, e tinha de se lhe garantir que nem uma bomba de 35 quilos penetraria no abrigo.

O horário da conferência fora estruturado para aproveitar ao máximo o tempo disponível. Havia muito a ser decidido. «A imensa tarefa

da organização do mundo»⁸, disse Churchill. Os próprios Três Grandes debateriam a sua visão coletiva em sessões plenárias diárias; estas teriam lugar todas as tardes no Palácio Livadia. Os ministros dos Negócios Estrangeiros e os seus adjuntos procurariam em seguida soluções para as muitas áreas disputadas.

Cada um dos três líderes apresentou as suas exigências. O objetivo mais premente de Estaline era manter os seus vastos ganhos territoriais na Polónia e instalar um governo pró-soviético no país. Isto iria causar muitas alterações nos dias que se seguiriam, e dominaria a agenda de sete das oito sessões plenárias. O líder soviético estava em vantagem, pois as suas tropas já tinham conquistado a Europa de Leste e Central, e grande parte da Polónia, Checoslováquia, Roménia, Bulgária e Hungria estavam sob o controlo do Exército Vermelho.

O presidente Roosevelt tinha dois objetivos principais: persuadir a União Soviética a juntar-se à guerra contra o Japão, que estava a provar custar demasiadas vidas americanas, e lisonjear Estaline para aceitar as suas propostas para uma nova organização, as Nações Unidas. Ele acreditava que um tal organismo seria o único meio de evitar futuros conflitos globais.

O objetivo principal de Churchill era preservar a integridade e o estatuto tanto da Grã-Bretanha como do seu império, que ainda governava um quarto da população mundial. Ele também tinha opiniões fortes sobre a Polónia, em cujo nome a Grã-Bretanha tinha começado por declarar guerra à Alemanha nazi. Acima de tudo, estava determinado a impedir que a Europa do pós-guerra fosse dominada pela União Soviética.

Estaline desempenhou na perfeição o papel de anfitrião, deixando aos seus convidados tempo para se instalarem nos seus alojamentos antes de lhes fazer uma visita de cortesia na tarde seguinte, domingo, 4 de fevereiro. Eram exatamente 3 horas da tarde quando o seu *Packard* blindado parou à porta da *villa* Vorontsov, com as janelas de vidro espesso de 8 centímetros a distorcerem a figura sentada no interior. Estaline vestia uma túnica caqui de colarinho alto, com a estrela dourada de marechal bordada nas passadeiras.

Esta era a quarta vez que Estaline e Churchill se encontravam, e cumprimentaram-se com o que parecia ser verdadeiro entusiasmo. «Ambos pareciam contentes por se reencontrarem», pensou Arthur Birse, o intérprete de Churchill, «e falaram como se fossem velhos amigos.»⁹ No entanto, nos bastidores, as chicanas já haviam começado. Antes da chegada tanto do presidente como do primeiro-ministro, aparelhos de escuta e microfones direcionais tinham sido ocultados nas salas principais tanto da *villa* Vorontsov como do Palácio Livadia. Membros da Missão Militar Britânica em Moscovo — familiarizados com as artes da escuta — recomendaram que assuntos sensíveis fossem discutidos nas casas de banho, com as torneiras a jorrar água para abafar as conversas.

Estaline parecia de bom humor, mas por trás da máscara sorridente residia uma desconfiança arraigada de Churchill e Roosevelt. Apenas meses antes, ele descrevera o primeiro-ministro como «o tipo de pessoa que nos tira um *kopeck* do bolso se não estivermos atentos!». Quanto ao presidente americano, disse que Roosevelt «apenas mete a mão à procura das moedas maiores»¹⁰. Era uma metáfora apropriada, vinda de alguém que tinha roubado um banco nos seus 20 anos. Quando Estaline roubava, fazia-o em grande escala.

O líder soviético foi da *villa* Vorontsov ao Palácio Livadia a fim de cumprimentar o presidente americano, que se vestira para a ocasião com um fato pálido e uma gravata às flores. «Com um largo sorriso, o presidente agarrou na mão de Estaline e apertou-a cordialmente.» Isto escreveu Charles Bohlen, que observava atentamente a linguagem corporal do líder soviético: «O seu rosto abriu-se num dos seus raros, mesmo que leves, sorrisos [...] Expressiu o seu prazer em voltar a ver o presidente.»¹¹

Roosevelt conduziu Estaline ao seu gabinete forrado a veludo vermelho e preparou um jarro de Martinis secos, um ritual que realizava muitas vezes na Casa Branca. Ao passar um *cocktail* a Estaline, «disse apologeticamente que um bom Martini devia realmente ter uma raspa de limão».¹² Estaline não disse nada, mas no dia seguinte um enorme limoeiro chegou por avião da Geórgia, com os ramos carregados com duzentos limões maduros.

Roosevelt fez conversa de ocasião sobre a última vez em que se tinham encontrado em Teerão, recordando a piada de Estaline sobre como queria executar cinquenta mil oficiais alemães no final da guerra. Era uma observação que tinha repugnado Churchill. Agora, o presidente alinhava-se com o marechal, expressando a sua esperança de que Estaline fizesse o mesmo brinde sinistro nesta conferência. Segundo Bohlen, não se tratava de todo de um comentário inocente. Era o modo subtil de Roosevelt «mostrar a Estaline que os Estados Unidos não se juntariam à Grã-Bretanha em nenhuma posição negocial conjunta». Para o sublinhar, Roosevelt criticou os britânicos por serem «um povo singular [que] gosta de ganhar pelos dois lados»¹³.

A primeira sessão plenária da Conferência de Ialta teve lugar nessa mesma tarde, com os delegados a reunirem-se às 17h00 no salão de baile imperial do Palácio Livadia. Os Três Grandes sentaram-se nos lugares que lhes haviam sido atribuídos à volta de uma grande mesa redonda coberta com uma toalha de damasco creme, com os ministros dos Negócios Estrangeiros sentados à sua direita e os seus intérpretes e conselheiros mais próximos agrupados ao seu redor. Lume crepitava na enorme lareira cónica, e o sol brilhante de inverno entrava pelas seis janelas em arco. Estaline convidou Roosevelt, como único chefe de Estado, a desempenhar o papel de presidente*.

O embaixador americano na União Soviética, Averell Harriman, apercebeu-se de uma dinâmica peculiar entre os dois homens. «Creio que Estaline tinha medo de Roosevelt», disse ele. «Sempre que Roosevelt falava, parecia observá-lo com uma certa reverência. Tinha medo da influência de Roosevelt sobre o mundo.»¹⁴ Harriman notou que Estaline nunca exibia o mesmo sentido de reverência ao falar com Churchill.

O presidente Roosevelt aceitou cortesmente a oferta de Estaline de presidir à conferência, dizendo ao grupo reunido que «abrangeariam o mapa do mundo» ao longo dos dias seguintes. Mas iriam começar com um relato da atual situação militar, convidando as

* Os respetivos chefes de Estado da União Soviética e da Grã-Bretanha eram Mikhail Kalinin e o rei Jorge VI.

mais altas instâncias militares a fazerem uma apresentação sobre o avanço em curso sobre a Alemanha.

O avanço do exército soviético era extraordinário. Desde o início do seu assalto à fronteira oriental da Alemanha, a 12 de janeiro, penetrara quase 500 quilómetros e fizera cem mil prisioneiros. Também tinha uma nova joia na sua coroa, uma testa de ponte sobre o rio Oder perto de Küstrin, na fronteira polaco-alemã. Era um momento de grande significado estratégico. Berlim, o prémio cintilante, estava apenas a cem quilómetros a ocidente.

O general George Marshall falou pelos aliados ocidentais, informando acerca da destruição causada pelos bombardeiros americanos e britânicos e oferecendo uma avaliação otimista da ofensiva em curso. Mas continuava a ser verdade que os americanos e os britânicos ainda estavam a ocidente do Reno e a mais de 500 quilómetros de distância de Berlim.

Depois de o general ter terminado, Churchill levantou a questão da agenda para o dia seguinte, propondo que fosse dedicada «ao futuro da Alemanha, assumindo que o tem»¹⁵. Roosevelt e Estaline concordaram ambos.

A maior parte dos planos pós-guerra para a Alemanha já tinha sido feita. Os três líderes haviam discutido várias possibilidades no seu encontro anterior em Teerão, em novembro de 1943. Havia acordado que a Alemanha seria dividida em três zonas de ocupação, uma para cada um dos aliados vitoriosos, com a capital igualmente dividida em três setores. Os pormenores iriam ser afinados por um organismo secreto sediado em Londres, conhecido como Comissão Consultiva Europeia, e dirigido por um trio de diplomatas, um americano, um britânico e um russo.

Estes diplomatas tinham acordado rapidamente em generalidades, com a União Soviética a ficar com o leste do país e a Grã-Bretanha e a América com o ocidente. Também tinham acordado que Berlim deveria ser dividida num eixo este-oeste, com os soviéticos a controlarem os bairros orientais da capital e os seus parceiros britânicos e americanos a ficarem com os ocidentais. Mas existiam ainda

muitas batalhas em pequena escala a serem travadas e vencidas. Para os ajudar a traçar as linhas exatas de divisão, a Secção Geográfica do Estado-Maior General equipou-os com um gigantesco mapa das ruas de Berlim¹⁶. A escala era tão grande — 1:25,000 — que vinha em quatro folhas, cada uma delas medindo 1 metro e 80 por 90 centímetros.

O representante soviético estendeu as suas reivindicações territoriais até ao Mitte, o bairro central da cidade, forçando um bojo generoso nas fronteiras do setor soviético. Isto deu aos russos o centro histórico de Berlim, a par da câmara municipal, do parlamento e de outros organismos governamentais. Os americanos e britânicos não levantaram objeções a isto, pois a sua parte ocidental também trazia lucros potenciais. Os americanos ficaram com o enorme aeródromo de Tempelhof, bem como com os subúrbios residenciais de Zehlendorf, enquanto os britânicos asseguravam a zona noroeste da cidade, incluindo Spandau e Charlottenburg. Também ficaram com o Grunewald, com os seus bosques, os seus bonitos lagos para remar e as suas belas *villas* guilherminas.

Mas havia um problema evidente com as linhas divisórias acordadas. A fronteira da Alemanha ocupada pelos soviéticos ficava a 177 quilómetros a *ocidente* da capital, significando que os setores ocidentais de Berlim estariam rodeados de território controlado pelo Exército Vermelho. Isto não seria um problema desde que os britânicos e os americanos continuassem de boas relações com os seus parceiros soviéticos. Mas se as relações tremessem, ou fossem completamente cortadas, os setores ocidentais de Berlim ficariam completamente isolados.

Os diplomatas também haviam planeado como Berlim seria gerida. Teria um organismo governamental tripartido, a Kommandatura, dirigida por três comandantes a serem brevemente nomeados, um americano, um britânico e um russo. Com esta decisão, criaram cargos para três regentes à moda antiga, com o poder dos procônsules romanos e a autoridade dos sátrapas orientais. Estes comandantes teriam nas mãos as vidas de três milhões de habitantes. Também carregariam as responsabilidades de preservar relações de amizade entre as três potências ocupantes.

*

No segundo dia da Conferência de Ialta, segunda-feira, 5 de fevereiro, os líderes voltaram as suas atenções para o destino da Alemanha e da sua capital. Estaline queria o país tornado «impotente para nunca mais poder mergulhar o mundo na guerra»¹⁷ e exigiu o desmembramento do país, mas Churchill quis ganhar tempo. «O método preciso de traçar linhas é uma questão demasiado complexa para resolver aqui em cinco ou seis dias», disse. «Estamos a lidar com o destino de oitenta milhões de pessoas, e isso leva mais do que apenas oitenta minutos a considerar.»¹⁸

O presidente Roosevelt recordou aos seus dois camaradas o trabalho da Comissão Consultiva Europeia, apontando que os diplomatas sediados em Londres já tinham acordado as zonas e setores de ocupação, mas que estes ainda tinham de ser aprovados pelos três governos respetivos. Churchill levantou a questão de dever ou não ser atribuída à França uma zona de ocupação, dado que «a sua participação foi essencial para manter a paz depois de a guerra ser ganha»¹⁹. Estaline descartou tal sugestão. «Não nos podemos esquecer de que, nesta guerra, a França abriu os portões ao inimigo.»²⁰ Contudo, acabou por aceitar que o governo francês fosse incluído na divisão dos despojos, desde que a sua parte fosse retirada aos setores britânico e americano.

Nesta altura, a conversa tomou um rumo inesperado. Estaline perguntou a Roosevelt quanto tempo as tropas americanas ficariam na Europa após o fim da guerra. O presidente foi rápido a responder: «Dois anos seria o limite.»²¹ Isto foi um choque inesperado para Churchill. Ele tinha estado a contar com a presença militar da América para a segurança da Europa do pós-guerra. Se as forças dos Estados Unidos fossem de facto desmobilizadas, como Roosevelt acabara de dizer que iria acontecer, deixariam o Exército Vermelho como a única grande força militar no continente.

Cada um dos três líderes trouxe a Ialta o seu próprio estilo de negociação, e estes foram o tema de muitos comentários dos

variados observadores que assistiam às deliberações diárias. O sub-secretário de Estado Permanente da Grã-Bretanha, Sir Alexander Cadogan, não tinha dúvidas sobre quem era o vencedor da conferência. «O Zé Estaline é o mais impressionante dos três homens», disse. «É muito calado e contido.» Era também um bom ouvinte. «O presidente agitava-se e o primeiro-ministro ressoava, mas o Zé ficava sentado a ouvir tudo e a mostrar-se divertido. Quando dizia algo, nunca usava uma palavra supérflua e ia direto ao assunto.»²²

A opinião de Cadogan sobre Estaline era partilhada por Anthony Eden, que disse que Estaline era «o mais duro de todos os proponentes», manipulando a sala de conferências com uma impressionante habilidade. «Claro que o homem era impiedoso e claro que conhecia o seu objetivo. Nunca desperdiçou uma palavra. Nunca saiu de rompante, quase nunca se mostrou irritado. Contido, calmo, sem nunca erguer a voz, evitou as negativas repetidas de Molotov [...] Recorrendo a métodos mais subtis, conseguiu o que queria sem parecer tão obstinado.»²³

Churchill, por contraste, deixou uma má impressão e foi constantemente criticado pela sua própria equipa por não ler os seus dossiês. «O primeiro-ministro descarrilou um bocado», apontou Cadogan depois de ouvir a sua intervenção numa discussão sobre as Nações Unidas. «Velhote pateta — sem uma palavra de aviso sequer ao Anthony [Eden] ou a mim, lançou-se numa longa arenga sobre [a] Organização Mundial, sem saber nada de nada sobre o que estava a falar e não fazendo qualquer sentido.»²⁴

Roosevelt também se cansou dos monólogos constantes de Churchill — «demasiados discursos»²⁵, disse a James Byrnes —; no entanto, ele próprio não estava imune a fazer depoimentos prolongados. Bohlen, o seu intérprete, ficava cada vez mais exasperado. «O presidente divagou sobre a Alemanha que conhecera em 1886, quando estados pequenos semiautónomos como Darmstadt e Rothenburgo eram prósperos.»²⁶

O facto de Roosevelt estar a ficar mais doente a cada dia que passava não ajudava. Ao sexto dia da conferência, ele enfraquecera a tal ponto que Estaline e os seus adjuntos mais próximos falavam

com ele deitado na cama. «Ele estava claramente cansado e esgotado», escreveu um dos adjuntos. «Ficámos ali sentados talvez vinte minutos, enquanto ele e Estaline trocavam comentários educados sobre a saúde, o tempo e as belezas da Crimeia. Deixámo-lo quando nos pareceu que Roosevelt se tornara distante, estranhamente vago, como se nos pudesse ver e, contudo, estivesse a olhar absorto para algures.»²⁷

Tinha sido decidido que cada um dos estadistas daria um banquete no decurso da conferência. Roosevelt dera o primeiro no Palácio Livadia na noite de abertura da conferência. Estaline deu o seu banquete no quinto dia. Teve lugar na sala de jantar de 15 metros do Palácio Yusupov e as mesas estavam cobertas de porcelana e cristais dos melhores hotéis de Moscovo. O líder soviético estava nas suas sete quintas, festejando o acordo «bom, muito bom» a que chegara com Roosevelt quanto à entrada da União Soviética na guerra contra o Japão. Conseguira exatamente o que pretendia: ganhos territoriais às custas do Japão e uma testa de ponte soviética no noroeste da China. Animado pelo sucesso, descreveu o presidente americano como «o ferreiro principal dos instrumentos que levaram à mobilização do mundo contra Hitler». Também propôs um brinde a Churchill, saudando-o como «a figura governamental mais corajosa do mundo»²⁸. E seguiu-se um brinde à camaradagem que permitira aos três líderes trabalharem em conjunto como parceiros improváveis.

«Quero beber à nossa aliança», disse, «para que não perca o seu carácter de intimidade, de livre expressão de opiniões. Na história da diplomacia não conheço outra aliança de três Grandes Potências tão próxima como esta, em que aliados tiveram a oportunidade de expressar de forma tão franca as suas opiniões.» Mas avisou que uma tal unidade de objetivos seria mais difícil em tempo de paz. O seu dever era garantir que as relações no pós-guerra fossem «tão fortes como haviam sido em tempo de guerra»²⁹.

Churchill respondeu com linguagem efusiva. «Não é um exagero nem um elogio de tipo floreado», disse, «quando digo que consideramos a vida do marechal Estaline como a mais preciosa para as

esperanças e para os corações de todos nós. Houve muitos conquistadores na História, mas poucos deles foram estadistas, e a maioria desperdiçou os frutos da vitória nos problemas que se seguiram às suas guerras.»³⁰

Sir Alexander Cadogan sentiu que o tom algo exuberante de Churchill se devia à prodigiosa quantidade de álcool que consumira — «baldes de champanhe do Cáucaso», disse, «que dariam cabo da saúde de qualquer homem comum»³¹.

Ao sétimo dia da conferência, os três líderes haviam percorrido rapidamente a agenda e resolvido muitas das questões. O futuro da Polónia, as Nações Unidas e a guerra com o Japão tinham todos sido decididos, e haviam também concordado em assinar o protocolo sobre a divisão da Alemanha e de Berlim.

Essa noite foi a ocasião do banquete de Churchill, que ele tentara tornar uma noite memorável. Seis dias de festas pródigas estavam a afetar todos, mas não haveria tréguas. O primeiro prato do jantar incluía caviar, esturjão, salmão e leitão com molho de rábano. Seguiram-se *vols-au-vent* recheados com caça, duas sopas, peixe em molho de champanhe, *shashlik* de borrego, arroz pilau e cabrito selvagem. O terceiro prato incluía peru, perdiz e codorniz assadas, e foi seguido por uma sobremesa de gelado, fruta fresca e *petits-fours*. Houve álcool em abundância. Uma encomenda especial (nome de código «Yalta Voyage 208») tinha sido recebida. Incluía um carregamento de champanhe *Veuve Clicquot* de 1928, a par de várias centenas de garrafas de vinho do Reno, e o embaixador britânico em Moscovo também enviara uma caixa de um requintado *Chateau Margaux* de 1928.

Quando Churchill fez o seu brinde ao líder soviético, foi cortês como sempre. «Houve uma altura em que o marechal [Estaline] não foi tão gentil para connosco», disse, «e lembro-me de ter dito algumas coisas rudes sobre ele, mas os nossos perigos comuns e lealdades comuns fizeram esquecer-las. Os mal-entendidos do passado arderam no fogo da guerra. Sentimos ter um amigo em quem podemos confiar, e espero que ele continue a sentir o mesmo em relação a nós.»³²

À medida que se fazia tarde, os convidados começaram a partir. «Acabaram por volta da meia-noite e meia», disse Jo Sturdee, uma das secretárias de Churchill, «e quando o marechal se estava a ir embora o querido primeiro-ministro pediu três vivas.»³³ Foi um final vibrante para uma noite de grande êxito.

Restava uma sessão final na qual os três líderes debateram o comunicado da conferência à imprensa e ao resto do mundo. Descrevia muito do que tinha sido acordado, com o futuro da Alemanha traçado em termos brutais: rendição incondicional, julgamento de criminosos de guerra, desarmamento, reparações e o estabelecimento de zonas de ocupação. Os três líderes concordaram que o comunicado deveria ser transmitido simultaneamente nas suas três capitais no dia seguinte, 12 de fevereiro.

Com a conferência a chegar ao fim, houve um almoço de despedida no qual todos estavam de bom humor. Roosevelt parecia particularmente otimista; as suas últimas palavras a Estaline foram: «Voltaremos a encontrar-nos em breve, em Berlim!»³⁴

Churchill mostrou-se igualmente satisfeito, convencido de que os três haviam evitado a catástrofe potencial de uma desavença entre o Leste e o Ocidente. «Bem sombrias seriam as sortes da humanidade se um horrendo cisma surgisse entre as democracias ocidentais e a União Soviética russa.»³⁵

Os membros da delegação americana estavam ainda mais otimistas, com o conselheiro especial de Roosevelt, Harry Hopkins, a sentir que tinham salvado o mundo. «Acreditámos verdadeiramente de todo o coração que esta seria a alvorada do novo dia pelo qual tínhamos todos estado a rezar e de que havíamos estado a falar durante tantos anos. Estávamos certos de que tínhamos conquistado a primeira grande vitória da paz — e refiro-me a *todos* nós, a toda a raça humana civilizada.»³⁶

PARTE I

ALIADOS DESCONFORTÁVEIS

O CAMINHO PARA BERLIM

O coronel Frank «Howlin' Mad» Howley era uma lenda para os homens que serviam às suas ordens, um ianque sem cerimónias com um sorriso perigoso e um cérebro muito perspicaz. Comandava uma unidade designada por A1A1, abreviatura esplêndida para um grupo liderado por um aventureiro tão feroso. A tarefa desta unidade era entrar nos territórios recém-libertados e impor ordem ao caos, reparando as infraestruturas destruídas e alimentando civis esfomeados.

O coronel Howley ganhara os seus galões no rescaldo caótico dos desembarques do Dia D em junho de 1944. Nomeado para gerir o porto devastado de Cherburgo, entrou na cidade como um ditador benevolente, abolindo os tribunais ilegais que aplicavam justiça popular aos colaboracionistas e governando o seu novo feudo com uma vara de ferro. O seu segundo grande cargo fora organizar a alimentação de cinco milhões de parisienses esfomeados após a libertação da cidade em agosto de 1944. Ele sabia como as coisas tinham de ser feitas: nada de burocracias, nada de papelada, nada de regras — exceto se fossem as suas próprias regras. O seu sucesso valeu-lhe aplausos de todo o lado, bem como a Legião de Mérito, a Cruz de Guerra francesa e a Legião de Honra. Howley pode ter feito o papel de *cowboy*, mas preocupava-se genuinamente com o bem-estar das populações.

A sua equipa continuava a abastecer a capital francesa de alimentos no outono de 1944 quando recebeu uma visita do

comandante americano, o brigadeiro-general Julius Holmes, no seu gabinete do número 7 da Place Vendôme. A conversa foi superficial, mas intencional.

«Frank, gostaria de ir para Berlim?», perguntou Holmes.

«Porque não», respondeu Howley, encolhendo os ombros. «O trabalho aqui está feito e eu gostava de ficar na linha oriental. Berlim parece-me bem.»¹ Esta breve troca de palavras foi o que bastou para ele conseguir um dos maiores empregos do mundo do pós-guerra.

Ele tinha certamente os níveis de dinamismo exigidos. Era uma mistura curiosa de agitador e intelectual, um homem sempre alerta como «uma águia muito grande, aprumada, pronta a cair sobre a presa se necessário»². Nos anos antes da guerra, tinha-se destacado como jogador de futebol americano (era conhecido por «Golden Toe»). As suas proezas desportivas acabaram prematuramente quando teve um acidente de motocicleta a uma velocidade irresponsável e partiu as costas e a pélvis. Teve a sorte de conseguir recuperar completamente.

Os desportistas nem sempre dão bons intelectuais, mas Howley era a exceção à regra. Aprendeu sozinho cinco línguas, estudou belas-artes na Sorbonne e acabou por montar uma empresa de publicidade de sucesso em plena Grande Depressão. «Ele tem o condão de ser capaz de fazer tudo o que tenta, e de o fazer um pouco melhor do que os outros todos», disse um dos seus colegas de curso na Universidade de Nova Iorque³.

Agora, iria dirigir o contingente americano do Governo Militar Anglo-Americano conjunto de Berlim, cuja tarefa era gerir os setores ocidentais da dividida capital alemã. Faria também parte da Kommandatura de três potências, que lidaria com questões que afetavam a cidade como um todo. Nesse cargo, trabalharia de perto com os seus parceiros soviéticos.

Howley recrutou velozmente a sua equipa: o seu principal adjunto, o tenente-coronel John Maginnis, fora o primeiro dos seus recrutas da A1A1 a desembarcar na Normandia, enquanto o seu atirador de elite principal (contratado por precaução) era o capitão Charles

Leonetti, um ex-atirador do FBI com um currículo impressionante. No prazo de semanas, Howley recrutara dezenas de peritos e especialistas com as capacidades necessárias para gerir uma cidade que estava em ruínas.

A sua equipa de Berlim não era uma unidade de combate nem fora pensada para entrar à força na cidade: seria apoiada pelos exércitos britânico e americano. Mas Howley esperava sarilhos no caminho e deu instruções a todos para usarem o seu próprio sistema de «disparar a matar». Também insistiu que os homens estivessem na sua melhor forma física. Para esse efeito, definiu um programa extenuante de treino muscular.

«Eu tinha três ou quatro peritos em judo, e todos os oficiais e praças aprenderam todos os truques sujos do combate corpo a corpo.» Os mais velhos foram poupados às «manobras mais turbulentas»⁴, mas mesmo esses tiveram de aprender como se protegerem.

Para seu grande prazer, Howley «engatou» uma jovem linguista francesa, Helen-Antoinette Woods (era casada com um inglês), que era inteligente e talentosa. «Tive algumas dúvidas em levar connosco uma miúda», confessou, «mas decidi que, se ela estava disposta a correr o risco, eu não podia ser tão pouco galante que dissesse não a uma senhora.» Além disso, fê-lo sentir-se bem. «O meu prestígio ficou a ganhar por eu ter esta francesa chique e capaz no meu gabinete.»⁵

A própria Helen-Antoinette estava desesperada para ir para Berlim. «Havia todo o tipo de complicações, claro, porque as mulheres aliadas não tinham autorização para entrar na Alemanha.»⁶ Howley afastou essas complicações. Deu-lhe um capacete de aço, uma pistola e um guarda-costas e disse-lhe que ela seria a primeira mulher aliada a entrar em Berlim.

Howley sabia que retalhar uma das grandes capitais europeias em três setores provaria ser um pesadelo logístico, pois as redes de gás, água, esgotos e eletricidade da cidade não respeitavam as fronteiras dos setores. Para restaurar o abastecimento, seria necessário que os britânicos e americanos trabalhassem de muito perto com os seus aliados soviéticos. A comida era um problema ainda maior.

Berlim dependia das ricas terras agrícolas de Brandemburgo e da Pomerânia para a carne fresca e os legumes, e essas províncias estavam a leste da cidade. Já estavam nas mãos do Exército Vermelho, implicando que os aliados ocidentais ficariam dependentes da continuada boa-vontade de Estaline para alimentar a população.

A maior preocupação de Howley residia no facto de Berlim estar 177 quilómetros no interior da zona da Alemanha ocupada pelos soviéticos, tornando-a uma ilha rodeada por um mar vermelho. O único caminho para a cidade por terra era por estrada ou por comboio, atravessando território controlado pelo Exército Vermelho. Frank Howley achava tão vital que a sua equipa chegasse à cidade antes dos soviéticos que propôs uma largada em massa de paraquedas sobre Berlim, como os americanos e os britânicos haviam feito na Normandia, com os seus aventureiros da A1A1 a aterrarem ao lado da Primeira Divisão Aerotransportada. Mas era uma proposta tão ousada, e tão cheia de riscos, que os comandantes aliados a descartaram como impraticável.

O contingente britânico do Governo Militar de Berlim era dirigido pelo brigadeiro Robert «Looney» Hinde, um oficial de cavalaria fardado a preceito cujo ponto de vista e porte haviam sido moldados pelos anos passados na Índia britânica. Hinde aprendera urdu e pashtu em Caxemira, travara escaramuças na Fronteira Noroeste e jogara polo com os seus camaradas oficiais de cavalaria em Rawalpandi, batendo na bola com tal ousadia que foi escolhido para representar a Grã-Bretanha nos Jogos Olímpicos de Berlim de 1936.

A sua rivalidade desportiva com os alemães tomara um caminho mais sério com o deflagrar da guerra. Colocado no Norte de África com o 15.º/19.º de Hussardos Reais, deu por si num jogo mortal de gato e de rato com o Afrika Korps de Rommel. Sempre na vanguarda, conduzia o seu carro de batedor em *sprints* tresloucados pelas linhas inimigas, projetando nuvens de areia quente para os céus do deserto. «Não disparem», gritava aos seus homens. «Sou eu!»⁷

A nomeação para Berlim foi oferecida a Hinde no rescaldo da batalha pela Normandia, na convicção de que ele dispunha de todas

as qualidades necessárias: «Figura, determinação, sabedoria, coragem suprema e profunda responsabilidade.»⁸ Também tinha uma veia deliciosamente excêntrica que lhe valera a alcunha «Looney», «doido», a par de uma paixão insaciável por borboletas. «Alguém tem uma caixa de fósforos?», perguntou durante um *briefing* no terreno na Normandia, depois de ter visto uma espécie rara de lagarta. O seu subalterno stressado respondeu asperamente que não era o momento de estudar a natureza. «Não seas idiota, Mike», disse Looney. «Podes travar uma batalha todos os dias da tua vida, mas podes só ver uma lagarta como esta uma vez em quinze anos.»⁹

O brigadeiro Hinde esteve inicialmente aquartelado em Wimbledon, de onde começou a recrutar para o seu contingente do Governo Militar. Alguns eram civis — operacionais de informações, linguistas, advogados e engenheiros, com anos de experiência nas suas áreas. Outros eram militares endurecidos por cinco anos de guerra. O processo de recrutamento em si foi levado a cabo por jovens mulheres do Serviço Territorial Auxiliar.

A maior prioridade do brigadeiro Hinde era forjar uma relação de trabalho próxima com os seus aliados soviéticos. Tratava-se de política governamental e era seu dever assegurar que era cumprida à risca. Sondou os seus parceiros soviéticos nas primeiras semanas de 1945, ansioso por estabelecer contacto antes do encontro em Berlim, mas não recebeu resposta. Ficou desapontado — teria sido uma cortesia responder —, mas descartou o sucedido como um lapso infeliz da parte deles.

Estava decidido a não julgar preconceituosamente os soviéticos e mostrou-se inquieto ao ouvir alguns dos seus recrutas falarem deles de modo pejorativo. Instou-os a serem mais abertos. «Reparei numa tendência quase automática para suspeitar dos comunistas», disse, antes de os informar de que os soviéticos tinham «entre eles muitos homens sinceros e capazes, que têm uma contribuição válida a dar.»

A sua equipa iria ser a porta-estandarte do papel da Grã-Bretanha no mundo do pós-guerra, algo que preocupava Hinde tanto como Churchill: «O exemplo a darmos é uma questão da

maior importância. O prestígio do Império Britânico nunca foi tão elevado como nos dias de hoje, e cabe-nos a nós garantir que de modo algum sejamos instrumentais na sua redução.»¹⁰ Ao avaliar os seus jovens recrutas de sangue quente, apenas podia esperar que eles fossem capazes de resistir às tentações que Berlim certamente ofereceria.

Uma das primeiras nomeações do brigadeiro Hinde foi um vigoroso jovem tenente-coronel chamado Harold «Tim» Hays, um furacão de homem com feições macilentas, um chapéu elegante e uma devoção ao trabalho que ia «muito para lá do dever normal»¹¹. Entre os seus muitos deveres, Hays atribuiu a si próprio a tarefa oficiosa de registar as aventuras da recém-formada equipa de Berlim, anotando os altos e os baixos de tudo o que viria a acontecer. O seu relato datilografado, ainda inédito após quase oitenta anos, é uma crónica única dos eventos extraordinários que se seguiriam.

A equipa de Hinde expandiu-se rapidamente nas primeiras semanas e não demorou muito a que o seu trabalho tivesse verdadeira urgência, «impelido pelo colapso iminente do inimigo»¹². A urgência aumentou quando receberam ordens para se mudarem para França nas primeiras semanas de 1945: era aqui, a cerca de 70 quilómetros a sudeste de Paris, que o brigadeiro altivo iria conhecer o seu vice americano, «Howlin' Mad» Howley.

Assim que o coronel Howley recebeu a informação de que a equipa do brigadeiro Hinde estava a caminho, empenhou-se em encontrar alojamento para os seus próprios homens e para os do brigadeiro. Howley pensou na aldeia de Barbizon, a uma hora de carro de Paris. Era um sítio que ele conhecia bem, pois passara lá os fins de semana no final da década de 1920 enquanto estudava na Sorbonne. Um idílio bucólico no coração da floresta de Fontainebleau, tinha algumas casas de hóspedes e muitos javalis selvagens.

Nunca disposto a vacilar, Howley liderou a sua frota de jipes a partir da capital francesa, requisitou todas as maiores casas particulares e hotéis (bem como os seus cozinheiros, pessoal da limpeza e restante pessoal doméstico) e em seguida «colocou

guardas armados em todos os edifícios» a fim de impedir qualquer outro ramo do exército de os desalojar. «Em tempo de guerra», disse aos seus homens, «a posse não são nove décimos da lei, são dez décimos.»¹³

No espaço de horas a sua equipa americana comandava em absoluto o local, pavoneando-se pela rua principal como foras da lei num *western*. A bandeira americana esvoaçava do quartel-general de Howley na rue Grand, e jipes e semilagartas estavam estacionados mais acima. Quando a unidade do brigadeiro Hinde chegou de Wimbledon, Howley cantava de galo. Harold Hays não conseguiu deixar de achar que os americanos lhes tinham passado completamente a perna, sobretudo no que dizia respeito à acomodação. «Era simplesmente uma questão de ficarem com o melhor para eles e dar o que sobrava ao elemento britânico.»¹⁴

O primeiro encontro entre Hinde e Howley tinha tudo para ser um desastre. O coronel americano sentia-se melindrado por ter de responder a um brigadeiro da velha guarda com o sotaque impecável de um terratenente dos condados britânicos. «Sempre considerei uma maçada servir às ordens de outra pessoa», escreveu Howley no seu diário. «Se me dessem a escolher, nunca escolheria servir às ordens de um oficial britânico.» Também se sentia furioso por não ter sido promovido a uma patente semelhante à de Hinde. «Era um mero coronel a representar a nação mais poderosa do mundo.»¹⁵ A humilhação amargurava-o.

O brigadeiro Hinde também não estava convencido quanto a ter um vice americano. Os americanos não tinham subtileza; não sabiam o que era fineza. Comiam compota ao pequeno-almoço e não lustravam os botões. Pior ainda, não tinham resistência. Não espantava que tivessem sido os britânicos, e não os americanos, a formar um império.

Os sinais eram maus, mas o encontro em si provou ser uma revelação. Quando os dois homens se encontraram frente a frente, houve uma atração instantânea que se tornaria uma profunda amizade. Hinde tinha uma grande admiração pela bravata de Howley, enquanto Howley foi conquistado pela energia intensa do brigadeiro.

Embora diametralmente diferentes, os dois comandantes eram curiosamente parecidos: dois guerreiros impacientes que tinham conjuntamente o destino de Berlim nas mãos.

O trabalho de equipa era tudo — era esse o mantra de Howley. O maior problema enfrentado pela equipa de Berlim, da sua perspectiva, era a arrogância condescendente dos 110 oficiais recrutados por Hinde. «Sem exceção, são membros da pequena nobreza proprietária e conservadores», disse. «Emocionalmente, têm dificuldade em curvar-se perante americanos ricos que não têm as qualidades cavalheirescas que eles consideram importantes.» Com efeito, pareciam olhar para todos os americanos «como bárbaros, e tinham uma ideia da distinção de classes muito superior». Howley achava que o seu comportamento se devia a terem passado demasiado tempo na Índia, «a lidar com nativos inferiores»¹⁶.

Contudo, os oitenta americanos às ordens de Howley também tinham os seus próprios preconceitos. «Não gosto dos bifés», disse um soldado a Harold Hays. «Vocês não sabem comer, não sabem beber, não sabem falar nem sabem andar como deve ser. São uns verdes. Raios partam! Passamos horas lá em casa a desabituar os putos de comerem como vocês.»¹⁷

Howley sentia que uma tal animosidade era um problema sério: era imperativo que a equipa apresentasse uma frente unida ao lidar com os seus aliados soviéticos. Se a situação em Berlim alguma vez azedasse, seria vital que os seus homens e os do brigadeiro Hinde conseguissem trabalhar juntos como camaradas próximos. Queria pessoas que «se conhecessem e gostassem umas das outras, para que, quando encontrássemos dificuldades em Berlim, apenas tivéssemos de tratar dos sarilhos [porque] o lado da personalidade estava resolvido». Para esse efeito, organizou experiências de vínculo que incluíam caçadas ao javali, expedições de alpinismo e idas noturnas a Paris. «Um mínimo de merda», como ele o colocou, e um máximo de divertimento. Até adotou dois javalis bebé — os Irmãos Smith — como mascotes da equipa de Berlim e jurou levá-los consigo para a capital alemã.

A sua abordagem resultou na perfeição. «*Eles* aprenderam a respeitar-nos», disse em referência aos britânicos, «e *nós* aprendemos

a respeitá-los.» O sangue-frio britânico revelou-se ser apenas superficial. Os homens do brigadeiro Hinde trabalhavam no duro e sabiam divertir-se, e isso tornava-os os «melhores tipos do mundo depois das horas de expediente, e depressa começámos a ter jantares e festas espontâneas»¹⁸.

A equipa de Berlim enfrentava uma desvantagem séria que não podia ser resolvida facilmente: muito poucos dos seus recrutas alguma vez tinham visitado a cidade que iam salvar. O brigadeiro Hinde passara alguns dias lá durante os Jogos Olímpicos, oito anos antes, mas ficara instalado em Charlottenburg, na zona oeste da cidade, onde Hitler mandara construir o novo estádio olímpico.

Uma versão de Berlim tinha sido mostrada ao longo dos seis anos anteriores nos cinemas britânicos e americanos. Os cinejornais diários da Pathé haviam tornado os monumentos da cidade familiares: a cúpula do Reichstag, a Chancelaria do Reich fortificada e a ampla majestade da alameda Unter den Linden enfeitada com suásticas nazis. Para muitos indivíduos da equipa aliada, a capital alemã era um símbolo da escuridão no coração do «Reich de mil anos» de Hitler.

Um dos recrutas, Wilfred Byford-Jones, visitara Berlim pouco antes do início da guerra e recordava-se de ter visto as tropas de choque de Hitler a marcharem pela Unter den Linden abaixo com precisão de relojoaria, acompanhadas por «música prussiana ferozmente pomposa»¹⁹. Outro membro da equipa, George Clare, também visitara Berlim antes da guerra, embora em circunstâncias muito diferentes. A sua família era refugiada judia proveniente de Viena, e esteve entre as muito poucas a terem recebido asilo na Irlanda Livre: tinham ido à capital alemã buscar os vistos de imigração.

Clare contou aos seus camaradas como havia sido seduzido pelos encantos irreverentes de Berlim. Poucos berlinenses eram nazis fervorosos, e ele achava que a capital «usava a camisa castanha desfraldada, desabotoada e de colarinho aberto»²⁰. Isto é historicamente verdade: nas eleições municipais de 1933, realizadas dois meses depois de Hitler se tornar chanceler, os nazis tinham conquistado pouco mais de um terço dos votos.

O INÍCIO DA GUERRA FRIA CONTADO PELO MESTRE DA NARRATIVA HISTÓRICA

Em 1945, no rescaldo da Segunda Guerra Mundial, as potências vitoriosas — Estados Unidos, Grã-Bretanha, França e União Soviética — reuniram-se para determinar o destino da Alemanha e da sua capital, Berlim, uma cidade em ruínas, desesperançada e devastada pela fome. O território seria dividido em quatro zonas de ocupação, mas o que inicialmente parecia uma solução pragmática acabou por resultar em hostilidade e desconfiança entre ocidentais e soviéticos — sistemas concorrentes, ideologias em conflito e personalidades antagónicas fizeram de Berlim um perigoso campo de batalha.

Neste livro, Giles Milton dá-nos a conhecer de forma magistral como foram travadas as primeiras batalhas da Guerra Fria, relatando-nos a terrível rivalidade que se vivia e descrevendo-nos as motivações e o pensamento dos principais intervenientes nos momentos cruciais, como a organização da ponte aérea de Berlim por parte das potências ocidentais para fornecer suprimentos à parte ocidental durante o terrível bloqueio à cidade imposto pelos soviéticos.

Este é, sem dúvida, um período da história incrivelmente tenso e dramático que teve uma influência profunda, e muitas vezes subestimada, no mundo contemporâneo.

«Giles Milton capta com mestria a atmosfera febril de Berlim nos primeiros quatro anos após a Segunda Guerra Mundial, lembrando-nos com que facilidade a Guerra Fria poderia ter aquecido.»

Andrew Roberts, autor de *A Tempestade da Guerra*
e *Churchill: Caminhando com o Destino*



Penguin
Random House
Grupo Editorial

História

 penguinlivros.pt
  penguinlivros

ISBN 9789896239039



9 789896 239039 >